

BAT MACUMBA

Nº 10
ANO II
Editor: Fabiano Moreira

Cartas:
Rua Tietê, 230 - São Mateus
36025-320 Juiz de Fora - MG

Bem-vindo ao Bat Macumba número 10, a primeira edição do Ano II. Até aqui, muita ralação, muitas festas e muitos trabalhos publicados. A melhor experiência com certeza foi a entrevista com Arnaldo Baptista no número 6, que também tinha a capa assinada pelo Mutante. Mas nada que se compare a ser excomungado vivo pelo MG TV (como é bom ser maldito!), numa matéria tão equivocada que já começava com a inteligente cabeça "Revista em quadrinhos escandaliza Juiz de Fora. Ela incentiva a violência e ao uso de drogas". E depois juram que querem nos informar.

Traumas superados e energia catalisada, cá estamos nós, tentando publicar os quadrinhos de Juiz de Fora, que tem em Leonardo Ribeiro, Alessandro Corrêa e Eduardo Borges (que entra no zine nesta edição) seus maiores artistas. Também damos uma panorâmica no cenário mineiro (cool) de quadrinistas em Juiz de Fora (que acaba de ganhar a revista Hermética) e Belo Horizonte (de onde trouxemos a Revista Graffiti).

Na clássica Sessão Tupperware, Mônica Ribeiro (uma grande conquista para a cultura de Juiz de Fora, atuando no Caderno Dois da Tribuna), Knorr, Ricardo Alves e Adauto Caetano (grande talento, está lançando junto com este zine seu bom livro de poemas MOB) desfilam suas poesias herméticas para pessoas herméticas.

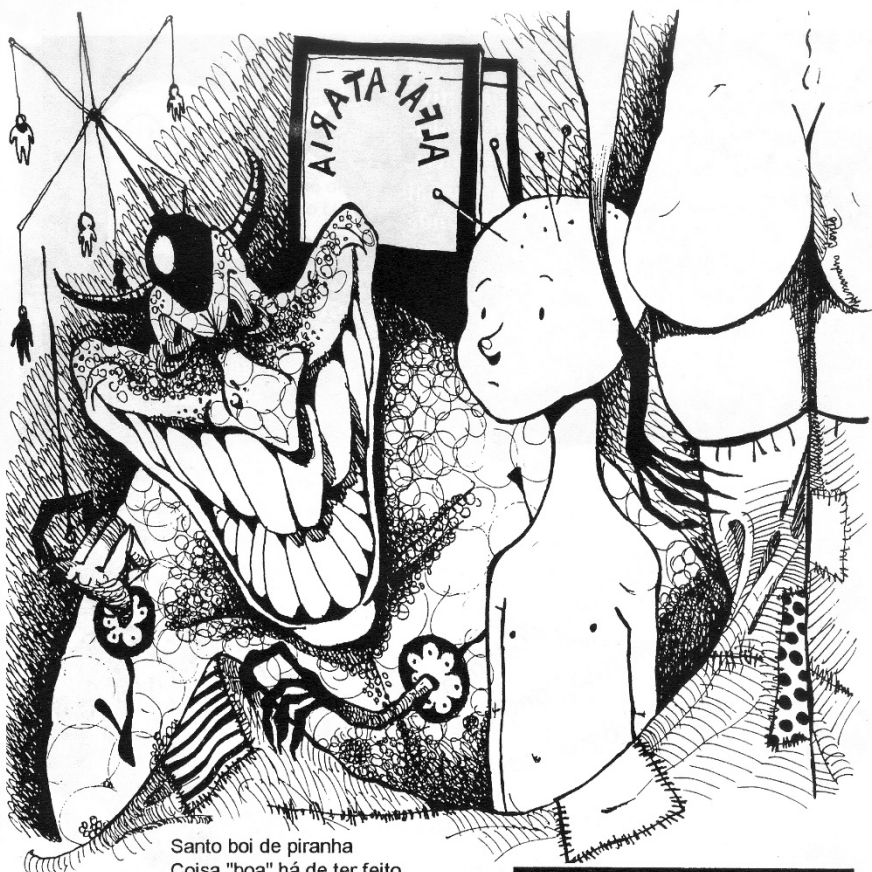
A retomada do sonho de Carriço - o de transformar Juiz de Fora em Hollywood - pelo grupo maluco (do qual faço parte) que rodou no começo do ano o telecine (captação de cinema e finalização eletrônica) O Rei do Samba, também tem espaço com o artigo de Alexandre Alvarenga sobre o precursor do cinema documentarista.

A galera do skate diz a que veio e o que pretende realizar após a criação da Associação Juizforana de Skate - dar força para este esporte, que ainda não tem espaços físicos adequados na cidade. Além disso, este Bat Macumba traz a coluna de Alex Martoni (grandes quartas!) e a volta de uma periodicidade "quase" mensal.

Os leitores mais fiéis vão notar uma certa diferença na programação visual, toda digital. Fiquei bem longe de réguas, tesoura e cola, companheiros inseparáveis nestes dois anos de zine e do do it yourself meu de todo dia. Computadores fazem arte - com uma ajudinha minha, do Gilberto Hingel e Nicola Pamplona (thanks friends!)
E, no mais, tudo em paz.

Fabiano Moreira, editor, faz-tudo e guerreiro.

Contra-capas: fantasia inspirada no quadro 2001, de Arnaldo Baptista.



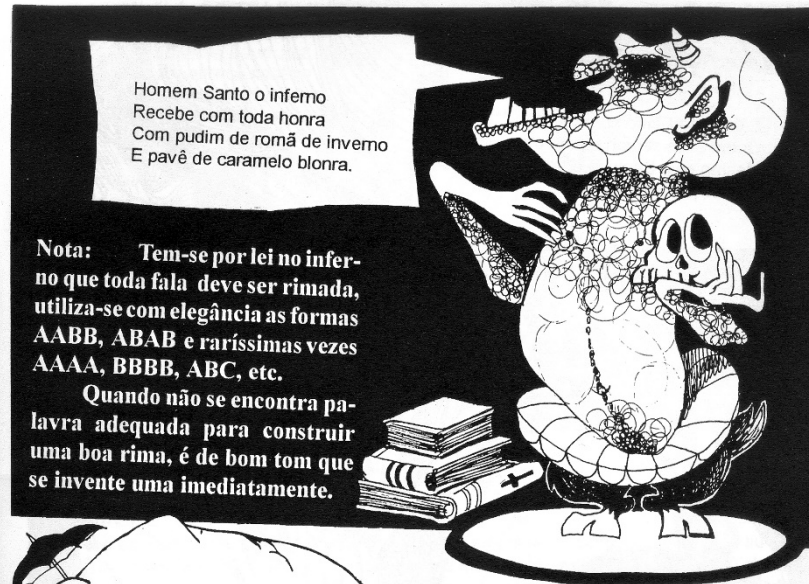
Santo boi de piranha
Coisa "boa" há de ter feito
Algum pecado abocanha
Pra vir aos Quintos ter pleito.

O aviso chegou bem cedo, seria de madrugada caso houvesse dia ou noite no inferno. Os diabos endoidados correram com preparativos, seria dessa vez.

O Santo e sua comitiva -dessa que vão visitar caldeiras, ver açoites e toda espécie de torturas descritas por Dante e outros teóricos do inferno- viriam pela hora do jantar, ou almoço já que no inferno não se para de comer.

FESTIM+

PARA O SANTO E SEUS CONVIDADOS



Homem Santo o inferno
Recebe com toda honra
Com pudim de romã de inverno
E pavê de caramelo blonra.

Nota: Tem-se por lei no inferno que toda fala deve ser rimada, utiliza-se com elegância as formas AABB, ABAB e raríssimas vezes AAAA, BBBB, ABC, etc.

Quando não se encontra palavra adequada para construir uma boa rima, é de bom tom que se invente uma imediatamente.



Comete um deslize apenas
E daqui você nunca sai
Te imponho do inferno as penas
Comer merda é o que tu vai.

Porém, em meio a toda algazarra, como havia acontecido na semana passada e na retrasada e na re-retrasada, veio do céu o recado que o Santo acabava de ter cancelado o compromisso.

Correio



E daí se o Santo num vem?
Quem sabe semana que vem...
Mesmo se o Santo já era
É festa pantera!!

Era
um absurdo.

FIM

ASSIM COMO CARRIÇO PRETENDIA TRANSFORMAR JUIZ DE FORA EM UM PÓLO CINEMATOGRAFICO, O MESMO SONHO COMEÇA A UNIR PESSOAS COMO JOSÉ SETTE, ALEXANDRE ALVARENGA, ROGÉRIO TERRA JR., ESTE FANZINEIRO QUE VOS FALA, FLÁVIA LIMA, MAURO PIANTA E MÁRCIA DE OLIVEIRA PARA A FORMAÇÃO DE UMA COOPERATIVA DE PRODUTORES CINEMATOGRAFICOS, REUNINDO 26 AGITADORES CULTURAIS. APÓS A AVENTURA FELLINIANA DE RODAR SÓ COM 10 PAUS O REI DO SAMBA, COM O GENIAL JOSÉ SETTE, ESTE GRUPO PRETENDE COMEÇAR A FILMAR LANTERNA MÁGICA - UMA FANTASIA SOBRE A VIDA DE JOÃO CARRIÇO - PRECURSOR DO CINEMA BRASILEIRO DOCUMENTARISTA.
FABIANO MOREIRA



Dizem que o cineasta João Carriço, quando já estava velho, naquele momento em que a gente começa a abandonar os sonhos e pendurar as chuteiras, comprou um terreno em Benfica. Queria construir ali um grande estúdio de cinema. Dizia que a vocação de Juiz de Fora era tornar-se a Hollywood brasileira. Muita gente riu dessas idéias - achavam que o velho pretensioso estava delirando. Ridículo - uma cidade do interior do terceiro mundo, com carroças desfilando pelas ruas - pretender comparar-se à grande fábrica de sonhos da Califórnia, desprezando vedetes nacionais, o Rio (Atlântida) e São Paulo (Vera Cruz).
O que passava pela cabeça do velho cineasta? Talvez após 30 anos de cine-jornalismo e documentários, só então se sentisse preparado para a ficção. Talvez por se alimentar de sonhos (os mesmos que o transformaram de

papa-defunto em cineasta), saboreava a sobrevida do delírio já no fim de sua vida.
Ou, talvez, ao olhar para o Morro do Cristo (que tinha um letreiro da Philco) seu olho-câmera tenha feito uma fusão para aquele morro em Hollywood com seu famoso letreiro. Fusão de imagens. Fusão de idéias. Sonho, delírio, ação.
Hollywood era um lugar-reje, com carroças desfilando nas ruas, quando alguns estúdios começaram a surgir. Foi a inovação na forma de produção cinematográfica, industrial e assumidamente capitalista que transformou o lugar, gerou interesse, atraiu investimentos e profissionais de todo o mundo. O poder que Hollywood tem hoje, e mesmo sua estética, são resultados de pequenas inovações industriais e comerciais em seus primórdios. O primeiro louco a montar seu estúdio

por lá não poderia imaginar que desencadearia um gigantesco processo econômico, político e cultural. Ele só queria filmar, e ganhar dinheiro com seu trabalho.
Carriço não construiu seu estúdio em Benfica. Talvez o tenham convencido de que ele realmente já estava velho. Talvez tenha se cansado das piadas sobre o seu delírio. Talvez tenha morrido. Ou compreendido que não poderia criar o que já foi criado e que Juiz de Fora nunca será Hollywood, ou Atlântida, ou Olimpo. Juiz de Fora será Juiz de Fora.
Por isso o Morro do Cristo continua ali, tão parecido com o tal morro em Hollywood, a sugerir que nada se transforma em sucesso sem ter em seu início pequenas inovações. Sem ter o sonho como alimento, o delírio de Carriço.
Por Alexandre Alvarenga



PERLA PERES

POR EDUARDO BORGES



GOSTOSA!

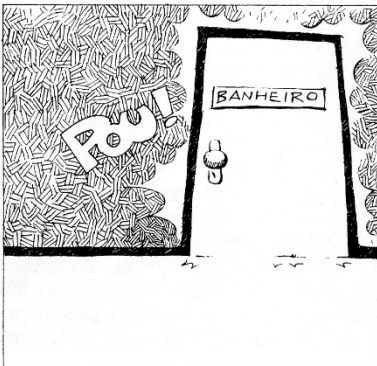
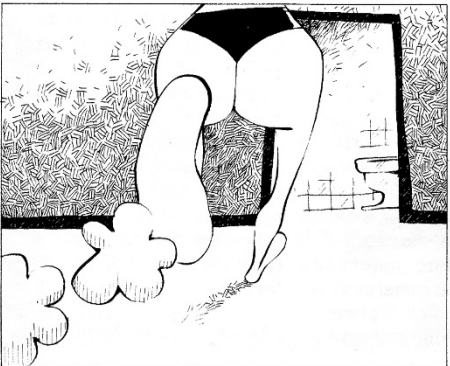
TESÃO!



VOCÊS SABEM! MINHA VIDA É MUITO CORRIDA! MUITOS SHOWS E FESTAS, SEM TEMPO PARA RELAXAR!



MAS QUANDO ES TOU NA QUELÉS DIAS, PROCURO RELAXAR, USANDO O MELHOR ABSORVENTE... O SEMPRE SUX!



SEMPRE SUX!...



O ABSORVENTE DA MULHER VAZIA!



E COMPRANDO SEU EXCLUSIVO SEMPRE SUX, VOCÊ GANHA INTEIRAMENTE GRÁTIS, UM LINDO CHAVEIRO COM A RÉPLICA DO CEREBRO DE PERLA PERES!

EM TAMANHO REAL!

FIM

SKATE

Aos poucos eles vão chegando. Três. Quatro. Dez. Logo já são uns vinte skatistas: reunidos na *Rua da Escola Normal*, a "pista" usada para treinar as manobras. Juiz de Fora conta hoje cerca de 250 skaters, espalhados por todos os cantos. A idade varia de 16 até 25 anos. No meio de carros estacionados na rua, entre um buzinaço e outro, a galera se vira pra improvisar obstáculos e rampas, detonando ollies, backsides e boardsides. O material, feito por eles próprios, fica guardado na Escola Normal. A diretora do colégio dá apoio.

Juiz de Fora sempre foi expressiva com os carinhos. Há cerca de dez anos existia uma half-pipe pra galera treinar, e tinha gente competindo no campeonato mineiro. Quem lembra é o Fred, 23 anos, um dos skatistas mais velhos que manobra por aqui. Lugar pra treinar hoje, isso não tem não. Além da *Rua da Escola Normal*, eles usam a UFJF e qualquer rua que pintar. A modalidade é o street.

por
Mônica
Ribeiro

OLHA O
PASSARINHO
DA
GALERA.



ZORÉIA
MACHADO
LIZBETH
RATO
FRED
GRILLO
BATATA
MUGU E
A TRUPE

Há algum tempo está rolando um papo de construção de uma pista municipal. O projeto foi elaborado na gestão do Bejani, no início dos anos 90, junto ao Ippplan, mas ficou no papel. No governo passado a Prefeitura aprovou e chegou a levantar os custos. A coisa parou aí. Parece que a construção da pista está no programa do atual prefeito. Se o espaço de fato se concretizar, não servirá apenas aos skaters, mas também aos bikers e patinadores. O local destinado à pista é outra incógnita. Já se falou no Parque da Lajinha e próximo ao Estádio Municipal. Para o street, qualquer lugar serve.

O campus da Universidade também costuma ser bem frequentado por essa galera sobre rodas, que conhece as ruas da cidade como ninguém. Por isso mesmo, a Universidade incluiu a construção de um espaço para os skatistas no projeto de sua Concha Acústica. É verdade - a universidade vai construir um espaço para shows na praça cívica, que já é um tradicional espaço para os shows de rock na universidade. O projeto foi elaborado com participação dos alunos da faculdade de arquitetura, e está nos planos da atual administração.

Leandro Machado, skatista que está ganhando respeito fora da cidade, acha que em Juiz de Fora só há espaço para futebol e esportes mais elitistas. Cansados de esperar, os skaters se uniram e fundaram a AJS (Associação Juizforana de Skatistas), lançada numa festa que reuniu três bandas por três reais, a Punk Rock Invasion. O saldo foi bom. Além da promoção de festas (já está programada uma outra para agosto, com as bandas Nitrominds, Miguéltos e Long Summer Days), o próximo projeto da AJS é construir uma mini-rampa desmontável. Assim é possível fazer demonstrações em diferentes lugares, levando o esporte até o público.

No futuro, eles também pretendem criar uma videoteca para a moçada assistir às manobras e se aprimorar. Os caras agitaram até um zine, o Switchstance, que é o guia pra quem anda de skate na cidade. Traz dicas de bandas, CDs novos na praça, equipamentos, roupas e tudo o que pode interessar a quem anda nos carinhos. A AJS se filiou à Liga Radical, do motocrosser Guto Lima, que abrange diversos esportes e tem planos para construir uma sede própria com pistas para skate, quadras de vôlei, tênis, etc.

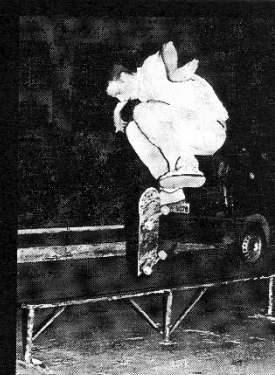
Machado comenta que eles se sentem meio de lado. Não podem participar das demonstrações da liga sem material - leia-se obstáculos. Na primeira semana de julho, os skatistas marcaram presença em uma exposição e demonstração de manobras no Santa Cruz Shopping, iniciativa da Liga Radical. Com a aprovação de um estatuto próprio, a AJS pretende usar o espaço da Casa de Anita (que não fica pronta), além de promover atividades que não sejam restritas apenas ao skate, que possam de alguma forma ajudar o esporte.

Machado é uma das figuras de maior destaque no skate juizforano. Já competiu no Rio, em Niterói, Sampa, Vitória e Três Rios, ficando sempre entre os cinco primeiros lugares na categoria amador. A Tailon, de São Paulo, está patrocinando o cara, fornecendo mensalmente shapes, roupas e acessórios. Seu primeiro champ foi mesmo por aqui, em 90. Único em Juiz de Fora, o campeonato uniu a galera e mostrou o potencial dos caras. Se houvesse uma pista pra treinar, eles teriam evoluído ainda mais.

RATO IMPROVISA
UM OBSTÁCULO.



PRAS MANOBRAS
DE MACHADO



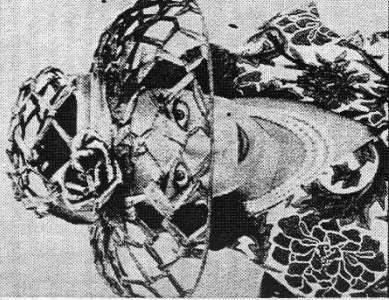
Juiz de Fora começa também a oferecer apetrechos pra galera. A Pégasos é a skate shop da cidade, endereço certo pra quem quer se montar, oferece roupas e equipamentos. Como o street wear deixou de ser exclusividade dos skatistas, lojas como a Freezer, a Equinox e a Miragem também fornecem o visual "adequado". O ponto do som é mesmo a Equinox, que oferece o que há de mais novo em rap e skate rock.

Fred, que é Secretário de Assuntos Culturais da AJS, também agita, junto com a Lizbeth (ex-baquetas do Funny Feeling) a Fun Box, uma produtora independente que se propõe a divulgar o alternativo na cidade. A Fun Box já produziu o show de lançamento da associação e está se responsabilizando pela distribuição do CD do Dread Full na cidade, e pretende trazer outros discos alternativos.

Contatos pelos números 211-9821 (Machado) e 217-6068 (Fred).
Yeeeah!!! Cool.

POESIA DE RUA EM JUIZ DE FORA

SESSÃO TUPPERWARE



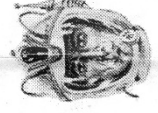
POISSAS HERMÉTICAS
PARA PESSOAS HERMÉTICAS

SE PA RA CÂ OD es O id
CO MP AR AC MO DE lá bi OS
E LA ç OD ES A AB AS
SA I I çã OD OS Iã bi OS
SE PA RA çã OD OS Iã ab as
AP UR A çã OD OS Iã Bi OS

Knorr

PIRO mania
PIRO TECNA
PIRO fobia
PIROU
DE mania
de fobia
DIPIRONA
Ricardo Alves

DO TEMPO SEMPRE SE VOLT ATRAS
A TRÁS

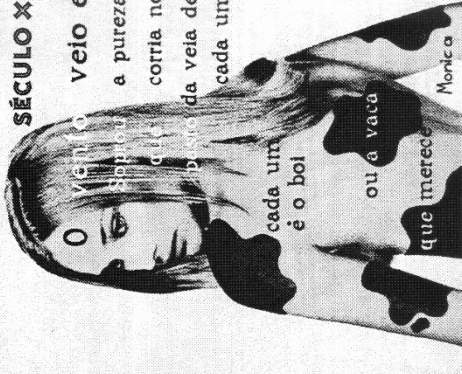


Knorr

TRADIÇÃO
É HORA DE ESCREVER
E HORA DE PLANTAR PARA TODOS OS QUE VIEREM
E HORA DE CANTAR PARA TODOS OS QUE NESTEM
A VIRGINDADE A MEHIDA
MEIDA NÓS OS PAIS A MEIDA
DE TODOS OS PAÍSES
OS ALVARÁRIOS AS FIDELIDADES
AS SIMPATIAS A TRADIÇÃO
ADALTO CAETANO

SÉCULO XX

veio e
a pureza
corria no
da veia de
cada um



O velho
cada um
é o bol
ou a vaca
que merece

Mônica

DRÁCU LA

VeRmeLho
piNGa
DE BAIXO
e de cima

O SANGUE QUE
ele quer
não é só
do pescoço

Mônica

Bela Adormecida
Adalberto Caetano

esse seu corpo assim
essa maldinha de biquini assim

ESSE ESPACINHO
ENTRE AS COXAS ASSIM

esses pelinhos que despontam
esses belzinhos que me olham
melhadinhos assim

esses braços que
peudem adormecidos também

essa pinha horrível no seu pescoço
que nunca



A dúvida é qual das dúvidas
está se manifestando agora
So penso

Mônica

Não
transbordou

metáforas e
metáforas e
metáforas me petem e um tranque
perdi a capacidade de escrever
Sigo cá com meus RACHICÓLOS

Interrompidos
pelos rasgos do
papel.



Desrempso

O passo que não foi dado
é sempre lamentado
mas às duas da manhã
qualquer um aceita

Adalberto Caetano

Gastronomia • Música • Funerais • New Orleans • Epitáfios • Figos do Algarve • E nenhuma Explicação
Velórios Inspiram Estranhos Hábitos Culturais

A morte, como todos nós sabemos, é um assunto muito divertido. Então, responda-me rápido, sem pestanejar. O que é a morte? É quando as coisas voltam a ficar exatamente como eram antes de nascermos, ora bolas. E o que é um velório? Seria o cerimonial de passagem desta para outra melhor? Ou pior? Bem, estas são algumas das, dentre tantas outras, difíceis indagações que a humanidade carrega nos ombros e que a televisão se incumbiu de nos fazer esquecer. Mas não há uma grande questão que não se resolva com uma boa piada. E a piada do dia chama-se.... velório.

Assim como as inúmeras variedades de recheios para pizzas, o homem também foi capaz de inventar as mais diversas formas de homenagear um presunhinho. Elas variam de acordo com aspectos religiosos, e são exteriorizadas através da música, literatura e gastronomia.

No início do século, a comunidade negra de New Orleans guardava um ritual que, para nós, poderia parecer uma heresia, mas que, para eles, tratava-se, digamos, de um programa de fim-de-semana. Eram as famosas marchas funerárias, embrião do que, poucos anos depois, foi dar no que chamamos de Jazz de New Orleans. No trajeto até o cemitério, a banda caminhava bem devagar

acompanhando o corpo. Só se usava números lentos, tipo um quatro por quatro tocado bem devagarinho. Após a chegada no cemitério, o corpo era colocado de lado e a banda ia lá pra frente, com os convidados fazendo fila. Andavam uns dois quarteirões, só ao som de taróis. Ai, quando o cemitério já estava lá pra trás, caíam no ragtime e a partir daí tudo era uma festa. A poesia e o despojamento destas bandas se manifestava, inclusive, nos nomes, como Black Men of Labor and Golden Trumps Social Aid and Pleasure Club (*Clube de Assistência Social e Lazer Negros da Labuta e Trunfos Dourados*), Valley of the Silent Men (*Vale dos Homens Silenciosos*) e, o meu preferido, Money Wasters Social and Pleasure Club (*Clube Social e de Lazer Desperdiçadores de Dinheiro*). Naqueles tempos, era assim, tristezas dribladas com um suspiro poético e muito bom humor.

Um outro hábito pós-morte - dos que aqui ficam, claro, é a prestação de homenagens via obituários e epitáfios. Pouco comum por aqui, os obituários são gênero literário que fascina muitos americanos, tanto que o "New York Times" reserva um editor só para essa seção. Nos corredores do jornal, vez ou outra, alguém lembra a folclórica estória da jornalista que desapareceu no Camboja, durante a cobertura da guerra do Vietnã, foi dada como morta, mas sobreviveu para ler a notícia sobre seu próprio falecimento. De volta a New York, esta digníssima repórter procurou o autor de seu obituario, que precisou lhe pagar vários dringues até conseguir lhe explicar o que queria dizer com termos como "mulher sem rumo e sem lar, de pés sujos".

Outra facção da, digamos, "literatura funerária", são os epitáfios. Dispondo de pouquíssimo tempo para elaborá-los, amigos e familiares do defunto têm cometido leves deslizos na hora de imprimi-



mir a última mensagem àquele que se foi. Deslizos do tipo: "morto não, em equilíbrio com a mãe terra", quando em homenagem a um homeopata ou "partiu sem deixar traços", quando em homenagem a um cartunista. Percebendo que, dada a falta de inventividade, um emergente mercado consumidor surgia, dois jornalistas brazucas lançaram um livro com sugestões, prontinhas, para todo o tipo de pessoa. Se seu amigo morreu de overdose, que tal "enfim, pó"; se ele era o metido a humorista da turma, que tal "isso não tem a menor graça"; "everything is gonna be all right?" é perfeito para aquele cantor de blues; há ainda "tô na maior fossa", para o maniaco depressivo, "quem quiser pode pegar o morto", para o jogador de Buraco; e "deixo para trás os melhores anos da minha vida", para o maniaco sexual.

Convida-se para um velório.

No Brasil, o velórios sempre rendem às TV's altos índices de audiência, principalmente se transmitidos ao vivo na hora do almoço. Como na entrega do Oscar, fica a família inteira reunida à mesa, em frente à TV, para ver todo o fi-fi-ti. Do tipo: será que a namorada oficial dele vai cruzar com a Alfa 2? Olha como a Galinhostéria está arrasando. Dizem que o

vestido dela foi feito especialmente para esse velório...

Na Inglaterra, por natureza mais "classuda", o velório é tratado com mais discrição e, até, um certo ar blasé. Em algumas cidades deste país, o convite para o velório era feito de casa em casa e servia-se cerveja e bolo, mais tarde substituídos por vinho e biscoitos. Para completar, os vivos levavam para casa o equivalente ao nosso bem-casado. Um brinde de biscoitos em pacotinhos de papel com desenhos de caixões, ossos cruzados, caveiras e ampulheta, com laço de cera preta. As fábricas desses biscoitos era um caso a parte, lutavam pelo mercado de mortos com anúncios nos jornais.

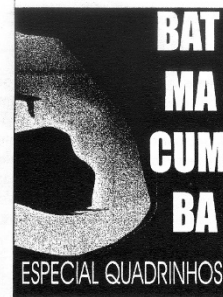
Na Rússia, nos jantares em homenagem a mortos, comiam e comem só para começar três colheres de um mingau de trigo sarraceno, muito doce, abençoado antes com incenso.

Já em Portugal, depois dos funerais, a família participava da "pactuada mortuária". Queijos, figos do Algarve e um pão de trigo muito branco e mal assado para "embuchar" faziam as honrarias do defunto.

Enquanto alguns se emparenturam, outros fazem jejum. É o caso dos Judeus, que desde o momento da morte até o enterro são proibidos de comer carne e tomar vinho; ou dos budistas que são proibidos de comer carne após o funeral se o morto era vegetariano; e no hinduísmo, onde nos dez dias posteriores à morte só se consome alimentos crus e refeições simples, além de só se beber água.

OK, é muito louvável que se queira galardoar um morto com música, comida e bebida, etc, mas, até hoje, não se explicou essa estranha idéia de dar um festão em homenagem a um sujeito, justamente no dia em que ele não pôde comparecer.

Alex Martoni



YES, NÓS TEMOS QUADRINHOS

por Mônica Ribeiro



Juiz de Fora tem produzido quadrinhos. Falta espaço, é verdade. Mas quem é esperto sempre cava alguma oportunidade. Também existem aqueles caras que proporcionam o espaço, como este zine que você tem em suas mãos. Longe de mim promover babação de ovo para o Fabiano Moreira, mas nesses dois anos o Bat Macumba abriu um grande espaço. Quem viu a última edição "Especial Quadrinhos" que o diga. Ano passado o Paulo Talarico também lançou a revista "Há interesse?" (muito louca) que circula por algumas mãos na cidade. Vez por outra ele aparece lá no Bar 620 vendendo a revista a R\$ 10,00.

Hermética é uma outra publicação da cidade. Essa é a mais recente, e pretende abrir espaço aos traços de Juiz de Fora. O primeiro número da revista foi todo bancado pela Compendium Quadrinhos, e a galera tá na espreita, observando a aceitação do produto no mercado. Quem folheia vê bons traços, mas muito influenciados pelo quadrinho norte-americano. Coordenada pelo experiente Mozart Couto, que fez a capa, é uma primeira experiência. Roberto Monteiro, um dos

produtores, garante que haverá espaço para traços mais diferenciados. Hermética está sendo vendida na Compendium e nas bancas, a R\$ 4,50.

Muito do que se produz aqui em termos de traço é meio repetido. Precisamos buscar características próprias. Dentro da primeira edição de Hermética, o único traço que atingiu esse patamar foi o de Eduardo Borges. Voltado para o humor, distoia completamente da galera que produziu histórias para a revista. Borges dá aulas de quadrinhos no Pró-Música e destaca exatamente isso: no início, é comum imitar o traço de algum artista admirado, mas com o tempo é preciso começar a andar com as próprias pernas (ou com o próprio traço). Um outro cara que já caminha por conta própria é Léo Ribeiro, velho conhecido de zine. A influência dele é européia, vinda principalmente do mestre Moebius. Crumb também é admirado por Léo, que não é muito fã de quadrinhos americanos.

Temos gregos e troianos nessa história toda. Mas a questão é: quando vamos começar a produzir quadrinhos mais nossos, nacionais? Em alguns trabalhos

produzidos aqui, as características desse nosso país maluco são visivelmente perceptíveis, como o caso de Eduardo Borges e do próprio Léo Ribeiro. No primeiro caso, a presença do humor é marcante. Borges lembra que o brasileiro não quer heróis. Ele quer rir, quer ver os outros se danando mesmo, pra aliviar a carga do dia-a-dia. No caso do Léo, a coisa pega mais pela temática urbana. Ultimamente seus roteiros têm refletido a violência brasileira e do cotidiano. Situações corriqueiras que acontecem no mole.

Tem mais gente boa por aqui. Alessandro Corrêa é um grande roteirista. Fábrica de idéias o cara. Também já encontrou seu traço particular, que apareceu em alguns Bat Macumbas. O Bellini também já tá mostrando serviço. Do zine à Hermética. E nomes e mais nomes existem por aqui, donos de traços dos mais diversos níveis e influências. É só procurar. O problema maior é mesmo a distribuição. A Hermética foi bancada e distribuída pela Compendium. Mas é difícil. O Roberto Monteiro lembra que eles estão procurando parceiros pra continuarem com essa história. Alguém se habilita???

Não existe nada mais cool hoje no mundo dos quadrinhos independentes do que a revista mineira **Graffiti - 76% Quadrinhos**, produzida em Belo Horizonte por Fabiano Azevedo, Pablo Pires, Marcos Malafaia e Piero Bagnariol. Com formato de revista, capa multicolorida, impressão e planejamento gráficos de primeira, a Graffiti é hoje a melhor e mais ousada revista de quadrinhos do cenário nacional.

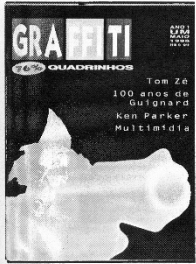
Com o compromisso de trazer dez quadrinhos inéditos a cada edição - e a Graffiti já está na terceira (contando com o número 0) - a revista tem dado espaço a

canção, aliada a uma técnica aprimorada, faz desta a melhor HQ da Graffiti - tanto que inspirou a capa do número 1.

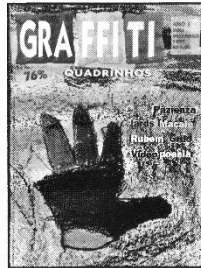
Mas nem só de quadrinhos vive a Graffiti. Os outros 24% da revista são dedicados a matérias de música, grafite, cinema, teatro, multimídia e, claro, quadrinhos. As entrevistas fogem do óbvio e vão resgatar a importância de personalidades como Tom Zé e Jards Macalé. A Graffiti ainda hospeda o encarte **Inserto**, que trata da vida cultural de BH de forma crítica, tentando suprir as deficiências do jornalismo cultural da capital do Planeta Minas.

de Quadrinhos do Laboratório de Design da UEMG, que reúne mais caras talentosos como Marcelo Bicalho e Lelis. A revista também traz encartado o fanzine **Resaca**. Outra revista distribuída pelo estúdio é **Solar**, "quadrinhos de herói" que mistura personagens da filosofia grega com mitos dos índios brasileiros.

Et Cetera, que surgiu no meio universitário carioca no ano passado, traz poesias, reportagens, crônicas, quadrinhos e ilustrações em um visual experimental. **Azogue** também publica poemas (cerca de 80!) de Afonso Henriques Neto e



MINEIRO É COOL



grandes talentos da HQ, como Luciano Irthum (que já desfilou nestas páginas), Wagner, Pedro Portela, Valf, Fernando Rabelo, Broba, Gilberto de Abreu, Piero e Malafaia. As técnicas são as mais variadas, desde o velho nanquim-papel até modelagem em massinha e fotografia-scanner.

Algumas histórias chamam a atenção por serem geniais: "Crônicas de Vidas Miseráveis - Papel de palhaço", de Valf, busca inspiração no clássico *Nervos de aço*, de Lupicínio Rodrigues ("Eu só sinto que quando eu a vejo, me dá um desejo de morte e de dor"). A interpretação surpreendente da

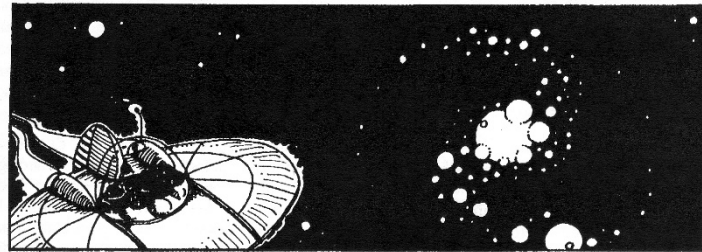
Não satisfeitos em editarem a melhor revista em quadrinhos de Minas, a turma da Graffiti ainda criou o **Estúdio HQ** - uma associação de quadrinistas que procura estimular o estudo, conservação e produção de histórias em quadrinhos. Para isso, eles mantêm um acervo de fanzines e revistas, promovem cursos e oficinas e ainda armaram um esquema de distribuição para a Graffiti e mais algumas revistas tão bacanas quanto.

Por Fabiano Moreira
Legenda, que conta com a participação do lendário Mozart Couto (que supervisionou e criou a capa da nossa **Hermética**) é produzida pelo Núcleo

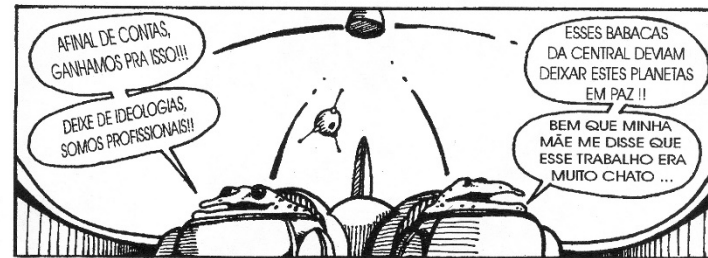
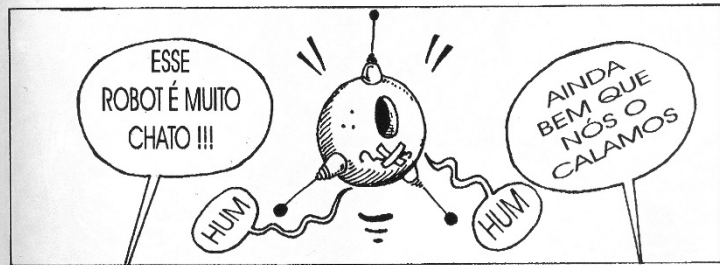
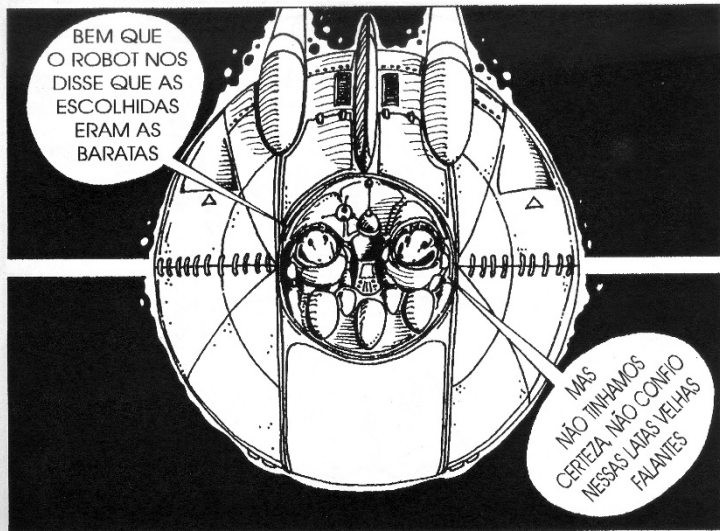
Amanda Freitas Filho. O cineasta Carlos Reichenbach e o teatrólogo Antônio Bivar completam o time.

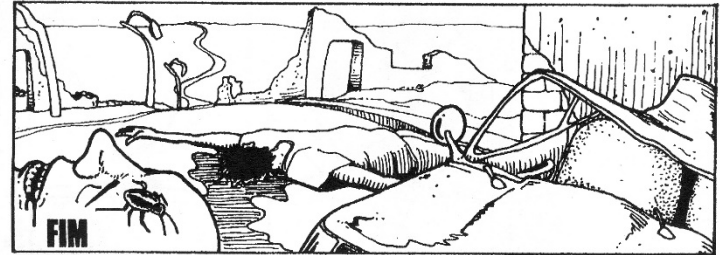
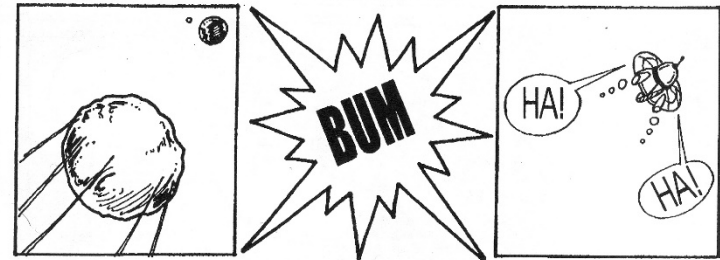
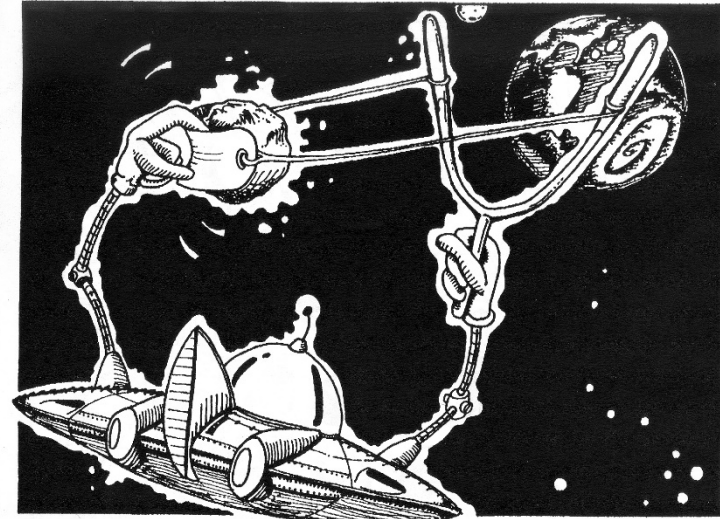
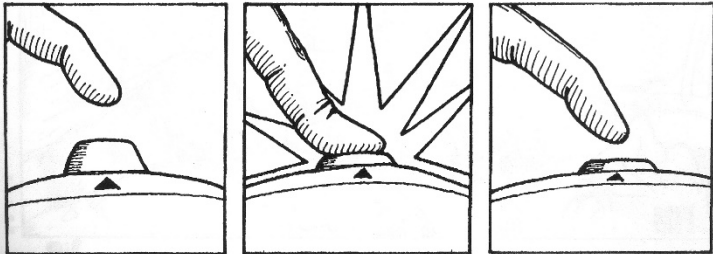
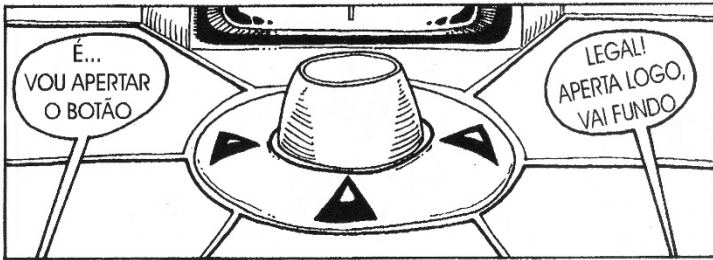
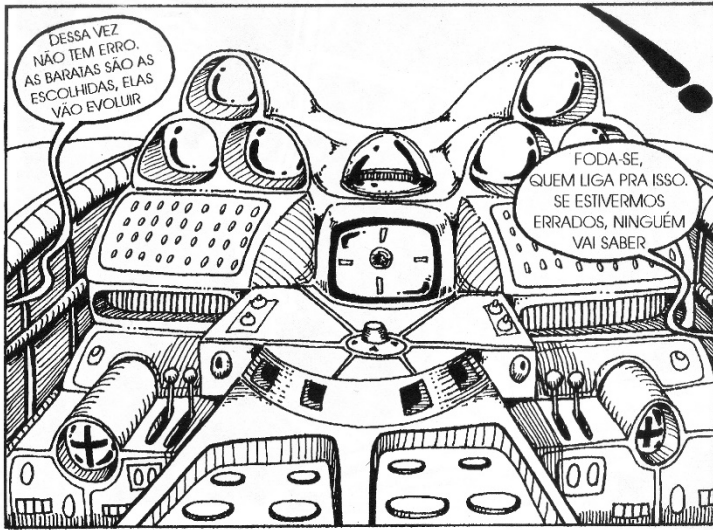
Este fanzine que vos fala acaba de entrar para essa turma mineira mais que cool - o Estúdio HQ vai distribuir o fanzine em BH e, por aqui, nós vamos espalhar as revistas da galera na Pérgasos, Equinox e Compendium, onde você pode encontrar a prova de que Minas está na vanguarda do quadrinho nacional.

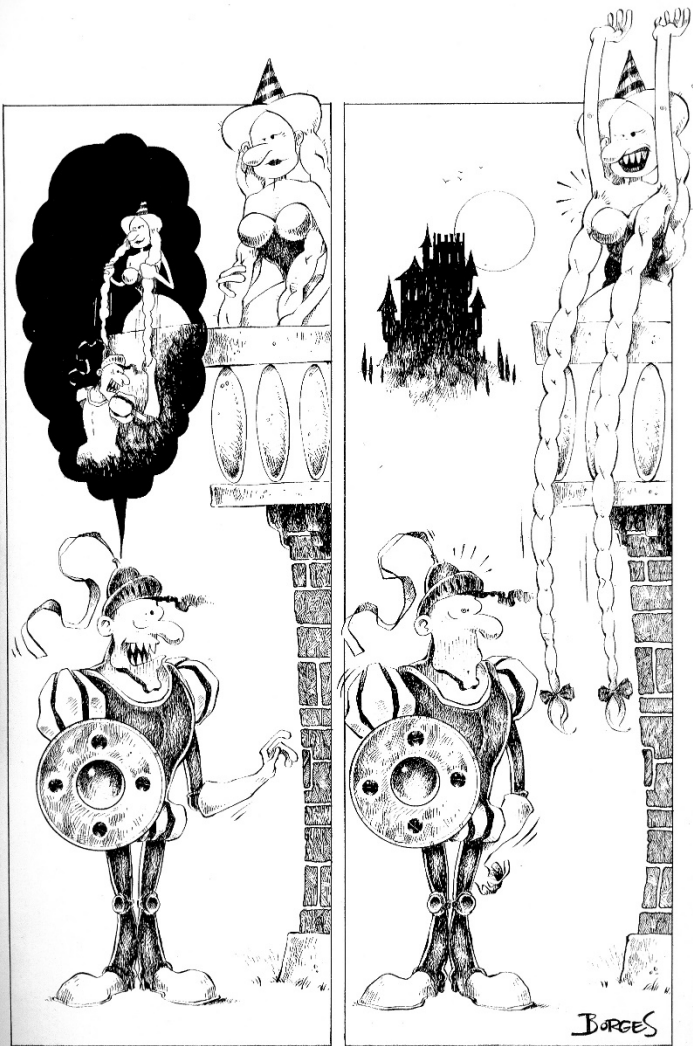
Estúdio HQ - A/C de Fabiano Azevedo
caixa postal 971 cep: 30161-970
Belo Horizonte - MG
eletrônicos digitam:
e-mail - graffiti@construtel.com.br
home-page - <http://www.construtel.com.br/graffiti>



* DINOSSAUROS







Este arquivo foi produzido numa
Publicadora Digital Baseutech 139,
onde, depois de ser criado, foi
impresso a laser e encadernado
automaticamente, em 7 segundos.

I
Impress

(032) 212-0567
impress@artnet.com.br



Alma do 36 D. C.

